

CUIDAR E EDUCAR: BINÔMIOS INDISSOCIÁVEIS

Neida Teresinha Santos de Castro¹

Thais de Araújo²

Andrea Bruscato³

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido em uma turma de mini maternal (crianças de 1 a 2 anos), no ano de 2016, em uma escola infantil da rede privada do município de Porto Alegre/RS, quando foram investigadas as relações entre o cuidar e o educar. Nos dias de hoje, há estudos que comprovam que o cuidar e o educar são indissociáveis, e que não é possível desvincular uma ação da outra, principalmente com crianças pequenas, que estão em pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor. Ao se trabalhar com crianças pequenas, o professor deve conhecer seus interesses e necessidades; saber a história de vida de cada uma, conhecer as famílias, as características da faixa etária e a fase de desenvolvimento em que se encontram, além de considerar o tempo de permanência na instituição escolar. Diante do exposto, este estudo assumiu como objetivo investigar se as ações de cuidado e educação eram desenvolvidas de forma conjuntas. Para tanto, foi proposto observar se o professor da faixa etária investigada planejava atividades adequadas, priorizando o bem-estar físico e intelectual das crianças pequenas, além de sanar suas necessidades básicas, como alimentação e higiene, ou se ele se limitava em cumprir uma jornada escolarizada, com atividades sem sentido, pautadas na ditadura do relógio. Durante a investigação in loco utilizou-se a metodologia de observação-participante. Acredita-se que o olhar atento do professor é muito importante, pois é ele quem vai proporcionar um ambiente acolhedor, transmitindo segurança às crianças e seus familiares. Assim, na hora da atividade, o professor cuida enquanto organiza e planeja o espaço aonde irá desenvolver sua ação pedagógica; ao mesmo tempo, ele educa ao propor desafios que contribuirão ao desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, ele educa quando fala para a criança aguardar sua vez, assim como durante a ingestão do alimento ele as incentiva para comer sozinha se tornando mais autônoma. Ao final da pesquisa, foi possível concluir que nem sempre as ações são realizadas de maneira equilibrada e significativa. A intencionalidade do professor tem seus reflexos no processo de aprendizagem da criança em construir seu conhecimento. As crianças pequenas são pessoas com sentimentos, linguagens e personalidades diferentes, portanto merecem respeito. Elas têm uma capacidade que não pode ser ignorada pelos educadores. Muito pelo contrário! Ela deve ser aproveitada e valorizada, durante o trabalho pedagógico, com intervenções significativas através de experiências, desafios e interações. Essas mediações e possibilidades de interações constituirão a base de desenvolvimento futuro. Um bebê quando se sente protegido e seguro desenvolverá sua capacidade de aprendizagem e de adaptação ao meio, de forma simples, rápida e intensa. Assim, não é possível dissociar o binômio cuidar e educar, pois o cuidado está em cada detalhe da

¹ Autora; Acadêmica do VI Semestre do curso de Graduação em Pedagogia no Centro Universitário Ritter dos Reis/Uniritter. neidacastroclasen@hotmail.com

² Coautora; Acadêmica do VI Semestre do curso de Graduação em Pedagogia no Centro Universitário Ritter dos Reis/Uniritter: thaisaraujo19@hotmail.com

³ Orientadora: Doutoranda em Educação. andrea_bruscato@uniritter.edu.br

rotina escolar, assim como o educar; ambos são fatores preponderantes na educação de crianças pequenas.

Palavras-chaves: Creche; Cuidar; Educar.

Introdução:

O presente trabalho relata a importância do binômio cuidar e educar na educação infantil, principalmente na faixa etária de 1 a 2 anos, refletindo sobre o papel do professor enquanto mediador de aprendizagens e conhecedor das peculiaridades e individualidades das crianças que estão inseridas nesta etapa escolar.

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida em uma instituição privada, na cidade de Porto Alegre /RS. A turma escolhida foi a do mini maternal, exatamente por abranger crianças tão pequenas, ainda dependentes do adulto para seus cuidados físicos e afetivos. Partimos do pressuposto que o cuidar e o educar andam unidos, e que as ações não podem ser desvinculadas uma da outra, pois no momento em que o educador planeja o espaço e as atividades, está cuidando do desenvolvimento da criança: ele educa ao propor desafios que contribuirão para o desenvolvimento cognitivo e emocional delas. Do mesmo modo, ao realizar a higiene de bebês ou crianças pequenas, assim como alimentá-la ou colocá-la para dormir, o professor não está apenas cuidando, mas educando, interagindo e oportunizando contato afetivo e social.

Logo, o olhar atento do adulto referência é muito importante, pois é ele quem vai proporcionar desafios, experiências e situações de brincar em um ambiente seguro e acolhedor. Cabe também ao professor, planejar os espaços, a rotina, as ações e a intencionalidade pedagógica de cada atividade, de modo a favorecer trocas e interações entre os pares. Desta forma, esse artigo discutirá sobre a indissociabilidade das ações de cuidado e educação na creche - local aonde as crianças passam a maior parte do dia, que deve ser regado de afetos, com adultos que percebam suas necessidades básicas, atendendo-as com êxito.

Cuidar e Educar: Observação Participativa

Segundo a Resolução 20/2009, a criança é o

centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. (BRASIL, 2009, p. 6).

Deste modo, ela aprende, observa, experimenta e constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. Logo, as instituições de educação infantil devem assegurar a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo. Ou seja, não podemos desvincular uma ação da outra, principalmente com crianças de zero a três anos, que estão em pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicológico, social e motor.

Entretanto, o que se percebe é que as escolas estão sempre preocupadas em cumprir uma rotina escolarizada, com atividades sem sentido para os pequenos, pautada na ditadura do relógio ou produzir algum registro para mostrar aos pais. Ortiz e Carvalho, (2012, p. 87) afirmam que “submetê-las a uma rotina escolarizada, no pior dos sentidos, ou seja, uma rotina sem significado, apenas com tarefas a cumprir, onde todos fazem tudo ao mesmo tempo não é conveniente”.

Em muitas escolas, principalmente na rede privada, existe uma hierarquia em que a professora é responsável pela parte pedagógica, ou seja, elaborar e executar projetos, planejamentos e atividades; enquanto a auxiliar realiza a higiene das crianças, fato observado no período em que estivemos realizando está pesquisa. Ortiz e Carvalho, (2012, p. 91) pontuam que:

num grupo de berçário, por exemplo, é preciso levar em consideração a constância das pessoas que trabalham com as crianças e a sintonia nas atitudes e nas respostas entre as várias pessoas da equipe que interagem com os bebês. Isso proporciona a estabilidade necessária para que elas reconheçam e recebam as mediações, os sinais que para elas são vitais, do comportamento humano nas mais diferentes situações de interações.

Por este motivo ressaltamos a relevância de todos os envolvidos estarem atentos à faixa etária com que estão trabalhando, seja na elaboração de atividades que tenham sentido, seja priorizando o bem-estar físico e intelectual, além de sanar as necessidades básicas da criança como alimentação e higiene. De acordo com Ortiz e Carvalho, (2012, p. 94), “a criança só vai aprender a cuidar de si mesma e dos outros, se puder vivenciar cuidados cotidianos de qualidade”.

As autoras também pontuam sobre a importância do olhar atento do educador para com seus alunos:

Olhar atento é um olhar sensível, olhar cuidadoso, olhar de espera, olhar que antecipa, prevê, planeja, organiza. Olhar que conhece, acolhe, envolve, oferece afeto, põe limite, da segurança, indica caminhos. Olhar de quem acompanha e se envolve num processo de detalhes e riquezas. (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p.171).

Ao longo da nossa pesquisa, observamos e interagimos com a turma do mini maternal de forma a visar e contemplar suas necessidades. Em um primeiro momento, participamos do lanche. As crianças eram acomodadas em seus “cadeirões” e recebiam uma oferta de diferentes tipos de frutas. Em outra visita, observamos o momento do almoço. Auxiliamos a professora na distribuição dos pratos e incentivamos as crianças a comerem sozinhas. Do ponto de vista de Cairuga (2014, p. 167):

Todas as interações dos adultos com os bebês e as crianças na escola são de natureza pedagógica. Na educação infantil, a rotina alimentar propicia muitas aprendizagens e conhecimentos relativos a vida cotidiana, os ensinamentos vivenciados nos momentos de alimentação e higiene constituem-se em aprendizagem para a vida inteira.

Após o almoço, enquanto a auxiliar de sala organizava os colchonetes, preparamos o momento da higiene. Para isso, levamos uma criança por vez ao banheiro. Ortiz e Carvalho (2012, p. 75) afirmam que “a troca exige cuidados específicos e intimidade, é um momento especial em que a criança deve ser tratada com individualidade”. Realizamos a escovação e higiene do rosto, com a criança sentada no trocador. Explicamos o que iria ocorrer com antecedência, na tentativa de transmitir segurança. Durante a troca de fraldas, íamos conversando sobre as ações que estavam ocorrendo; também nomeávamos as partes do corpo, dizíamos que iam sentir um geladinho ao passar o lenço umedecido, etc. Desta forma, nós cuidávamos e a criança aprendia a ter cuidados com o seu corpo, e a partir das conversas estabelecíamos vínculos. Para Ortiz e Carvalho (2012, p. 31), o adulto é “quem nomeia, quem lhe oferece um lugar, oferece um ambiente no qual vai se desenvolver, oferece oportunidades de experiências”.

O papel do adulto como parceiro mais experiente é o de proporcionar um ambiente acolhedor, transmitindo segurança para criança. Na opinião de Ortiz e Carvalho (2012, p. 68), “as crianças precisam construir seus vínculos suavemente e precisam de tempo para fazê-lo”.

Juntamente com as ações de cuidado, procurávamos informar, desafiar e oportunizar diversas experiências de aprendizagem ao grupo no qual estávamos inseridas. Uma das possibilidades foi a brincadeira da caixa sensorial. Para executá-la, planejamos, testamos e escolhemos com muita atenção cada detalhe do brinquedo. Premeditamos possibilidades de brincadeiras que poderiam surgir com ele, na tentativa de evitar danos físicos as crianças. Segundo Craidy e Kaercher (2001, p.90):

O bebê exercita seu corpo e suas habilidades motoras através de funções básicas tais como agarrar, sacudir, morder, chupar, e lançar, repetindo-as, na busca de efeitos e

procurando aperfeiçoá-las. A exploração sonoro-rítmica é realizada através de exercícios que o bebê executa a partir de suas possibilidades vocais e corporais, bem como do contato com os objetos.

Planejamos também, o que poderia vir a ser desenvolvido com este brinquedo. Desejávamos propor espaço e movimentação para as crianças que estavam sempre sentadas em seus “cadeirões”. Ortiz e Carvalho (2012, p. 67) afirmam que “o ambiente precisa favorecer o movimento, que nesta faixa etária é o próprio pensamento em ação”. Com este brinquedo (caixa sensorial), queríamos favorecer a interação com o meio e com as pessoas, além do desenvolvimento de autonomia e assimilações acerca do corpo e das reações obtidas a partir de suas ações. Desta forma, estávamos educando e cuidando de forma conjunta.

O brinquedo foi um grande atrativo para aqueles bebês que passavam parte do tempo “presos” em cadeirões. As crianças puderam engatinhar, movimentar os objetos, brincar e explorar de formas variadas. Concordamos com Moyles (2002, p.57) ao dizer que cabe ao professor “oferecer uma variedade de situações dentro da sala de aula, que permitam diferentes oportunidades para diferentes crianças”. Assim, tanto na hora da atividade, quando o educador escolhe atividades e planeja o espaço, quanto nas ações de cuidados básicos (higiene, sono, troca de fraldas, alimentação...), quando o docente interage com a criança, é necessário oportunizar ações que contribuam para o desenvolvimento de todos

Considerações finais

Ao final da pesquisa, foi possível concluir que nem sempre as ações foram realizadas de maneira equilibrada, o que nos fez reafirmar que o adulto deve zelar pelas crianças: cuidando enquanto educa, e educando enquanto cuida. Acreditamos no binômio cuidar e educar, pois o cuidado está em cada detalhe da rotina escolar, assim como o educar; ambos são fatores indissociáveis na educação de crianças pequenas.

Acreditamos nesta indissociabilidade, pois o cuidado está em cada detalhe da rotina escolar, assim como o educar. O professor durante a hora do almoço educa as crianças, lhes propondo melhores ações durante a alimentação e também cuida, por ofertar alimentos e auxiliar na sua ingestão.

É importante que a creche reassuma seu papel de educadora, ultrapassando a visão assistencialista de guarda e cuidado ao qual foi submetida ao longo dos anos. Hoje, temos consciência de que não basta cuidar das crianças pequenas; é preciso promover ações conjuntas de cuidado e educação, de forma a favorecer um crescimento saudável e com qualidade.

Referências

BARBOSA, M. C.; RICHTER, Sandra. Os bebês interrogam o currículo: As múltiplas linguagens na creche. In: CAIRUGA, R.; CASTRO, M.; COSTA, M. (org). **Bebês na Escola: observação, sensibilidade, e experiências essenciais**. POA: Mediação, 2014.

BRASIL. MEC. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Parecer 20/2009**. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE/CEB, 2009. Disponível em: <
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2097-pceb020-09&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192> Acesso em 14.mai.2017.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva (Org.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

MOYLES, Janet R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. 1º Edição.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012.